

A pesquisa

procedimento metodológico

Leôncio Martins Rodrigues

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

RODRIGUES, LM. A pesquisa: procedimento metodológico. In: *Industrialização e atitudes operárias: estudo de um grupo de trabalhadores* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 177-181. ISBN: 978-85-7982-022-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A PESQUISA: PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa foi realizada durante o período que se estendeu de março a novembro de 1963. Durante o primeiro semestre limitamo-nos a estagiar nas diversas seções da companhia e a estudar a organização da empresa, sua política de relações humanas, a organização da produção, etc. Neste período, foi-nos possível trabalhar durante uma semana como operário (operador) em uma das fábricas da empresa. O semestre foi aproveitado, igualmente, para conversas informais com os trabalhadores, em suas residências e na própria empresa, no restaurante e nos períodos das pausas para descanso. Demais, efetuamos dez entrevistas “abertas” que serviram de guia para a elaboração do questionário. Procuramos sempre esclarecer aos operários de que éramos um professor da Seção de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo interessado em conhecer a opinião dos entrevistados sobre diversos assuntos. Insistimos sempre de que não tínhamos nenhum relacionamento empregatício ou de outra natureza com a empresa. Sem uma exceção, os trabalhadores mostraram-se sempre acessíveis e desejosos de colaborar. A Empresa Automobilística, por sua vez, não opôs nenhuma restrição ao nosso trabalho e sempre se dispôs a pôr à nossa disposição dados e informações sobre seu funcionamento interno relacionado aos objetivos da pesquisa. Solicitou apenas que o nome verdadeiro da empresa não fosse mencionado.

A aplicação dos questionários foi feita por estudantes do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, na *residência* dos entrevistados. As entrevistas tiveram a duração média de duas horas e meia. No final deste volume, em apêndice, encontra-se cópia do questionário aplicado.

A seleção da amostra foi feita por sorteio probabilístico de uma relação de operários que as companhias enviam à Delegacia Regional do Trabalho. Foram excluídos da amostra o pessoal de escritório e de administração, o pessoal técnico, bem como os trabalhadores encarregados de limpeza, segurança, restaurante, transporte, etc. Assim, o grupo selecionado consta apenas de trabalhadores diretamente ligados à produção, não importando o setor (montagem, estamperia, usinagem, etc.).

No total, foram entrevistados 86 indivíduos. Desses, 62 constituem o que chamamos de “operários comuns”, e que nas tabelas aparecem sob a rubrica de *operários*. A grande maioria, como seria de se esperar, dado o tipo da empresa, é constituída de trabalhadores semiqualeificados, principalmente de montadores e operadores.¹ São operários, como sintetiza Ítalo Bolonha, que executam “operações simples e repetidas, exigindo, sobretudo atenção e coordenação motora. Trabalho sujeito a automatismo. Escolaridade primária. Treinamento no próprio local de trabalho, em tempo relativamente curto (100 a 150 horas) mediante adestramento de poucas operações e explicações tecnológicas elementares”.²

O grupo de trabalhadores qualificados é representado pelos ferramenteiros (18 indivíduos) e “líderes” (6 indivíduos). Os ferramenteiros enquadram-se integralmente na conceituação de operário qualificado que oferece Ítalo Bolonha, isto é, trabalhadores que executam “todas as operações do ofício, possuindo aptidões psicomotoras e mentais, conhecimentos tecnológicos da especialidade, realizando trabalhos variados, não sujeitos a automatismo e cuja formação profissional requer uma aprendizagem variando em torno de 4 mil horas”. Na Empresa Automobilística, esta categoria profissional é nitidamente diferenciada dos operários comuns, semiqualeificados, não só pelos salários consideravelmente mais elevados, como também pelos *status* que ocupam. O símbolo externo e visível desta

¹ Foi esta a composição da amostra, de acordo com a categoria profissional dos entrevistados; 13 montadores; 13 operadores; 6 mecânicos; 4 soldadores; 4 tapeceiros; 4 funileiros; 4 ponteadores; 3 conferentes; 3 lixadores; 3 prensistas; 2 pintores; 1 supervisor de peças; 1 retificador da produção; 1 costureira.

² Ítalo BOLONHA, “Demanda de mão de obra especializada no atual surto industrial brasileiro”, in: *Educação Técnica e Industrialização*, São Paulo, Centro e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, 1964. A conceituação da qualificação do trabalho oferece algumas dificuldades de natureza teórica que não pretendemos discutir aqui. No caso concreto de algumas profissões, a classificação pode prestar-se a controvérsias. Assim, os soldadores, de um modo geral, poderiam ser definidos como qualificados, como aponta Ítalo Bolonha. Na amostra, foi impossível determinar com grande precisão, em alguns casos, em que categoria deveria ser incluído o entrevistado. É possível que trabalhadores melhor dotados profissionalmente se encontrem realizando tarefas repetitivas e parceladas, atraídos pelos altos salários pagos na indústria automobilística. Demais, dentro de uma mesma categoria profissional, é possível encontrar gradações que infelizmente não nos foi possível matizar. Os salários recebidos pelos entrevistados, nestas condições, constituíram uma forma rudimentar de controle. Para uma apreciação mais ampla dos problemas relacionados à qualificação do trabalho, Cf. Pierre NAVILLE, *Essai sur la Qualification du Travail*, Paris, Marcel Rivière, 1956.

separação é o uso de aventais de serviço em lugar do “macacão” habitual vestido pelos menos qualificados. Os “líderes” não chegam a constituir propriamente uma categoria profissional. São operários que pelos conhecimentos profissionais mais elevados servem de auxiliares técnicos dos mestres e contramestres mas sem gozarem da mesma posição de autoridade. Algumas vezes ensinam aos novos operários as suas funções, preparam-lhes as máquinas e, outras vezes ainda, os substituem quando de sua falta; cabem aos líderes tarefas variadas, servindo amiúde como uma espécie de *utilityman*. Seus salários, na amostra, situaram-se numa escala intermediária entre os dos operários semiquilificados e os dos ferramenteiros. Examinando os seus níveis de escolaridade e de formação profissional, e na impossibilidade de uma análise isolada deste grupo, preferimos incluí-los, em nossas tabelas, entre os ferramenteiros.

Para a interpretação dos resultados, além da separação entre ferramenteiros e “operários comuns”, tabulamos separadamente os indivíduos que já tinham trabalhado na agricultura (*Agric.* nas tabelas) e os que não tinham tido nenhuma experiência de trabalho na lavoura (*Urb.* nas tabelas). Nesta classificação, não se levou em conta o período de tempo que medeava o abandono da agricultura e a entrada na indústria. Na maioria das tabelas, as diferenças observadas nas atitudes desses grupos foram insignificantes. Além disso, encontrou-se entre os entrevistados que nunca tinham trabalhado na agricultura, isto é, entre os *Urb.*, uma fração importante originária de pequenas cidades do interior, onde exercia as mais variadas profissões, inclusive a de operário industrial. Objetivando poder captar mais firmemente a possível influência dos hábitos e valores urbanos em contraposição aos do meio tradicional no comportamento dos operários, estabelecemos outros dois grupos. Separamos, de um lado, os trabalhadores nascidos e educados em São Paulo ou em outro grande centro urbano, como o Rio de Janeiro, ou seja, indivíduos que *nunca tiveram experiência de trabalho na agricultura*, e que, de modo algum, poderiam ser considerados migrantes de áreas rurais ou tradicionais. Nessa situação foram encontrados 22 entrevistados (26% do total da amostra). Embora apenas uma minoria provenha de famílias de operários industriais propriamente ditos, quase todos (com exceção de seis casos) são filhos de trabalhadores manuais (marceneiros, pintores, motorneiros, carroceiros, pedreiros, etc.) Nas tabelas, esse grupo aparece sob a rubrica de *Mod.* No outro polo, agrupamos os entrevistados recentemente chegados de áreas tradicionais e da agricultura (*Trad.*, nas tabelas). Para a

inclusão do operário neste grupo, resolvemos considerar 1953 como o ano limite, excluindo todos os migrantes que tinham chegado a São Paulo antes desta data. Assim sendo, todos os respondentes deste grupo têm um período de vivência em São Paulo (ou no Grande São Paulo) não superior a dez anos, contados quando da aplicação do questionário. Encontramos 20 trabalhadores nessa situação, perfazendo 23% do total da amostra. Note-se, entre os *Trad.*, que exatamente a metade chegou a São Paulo *depois de 1960*. Trata-se, portanto, de migrantes que estão dando seus primeiros passos no meio urbano-industrial. Na seleção dos indivíduos que integraram esta sub amostra, procedemos segundo dois critérios: I) quando se tratava de trabalhadores provenientes do *interior* do Nordeste e Norte do país não levamos em consideração se o entrevistado tinha ou não trabalhado na lavoura; II) quando se tratava de trabalhadores originários do interior do Estado de São Paulo, selecionamos apenas os que vinham da lavoura, dada a existência de cidades relativamente importantes neste Estado, em que os padrões urbanos e modernos encontram-se razoavelmente difundidos. No total, tivemos entre os *Trad.* 75% de ex-lavradores migrados recentemente para São Paulo. Os demais, originários do interior do Piauí, Alagoas, Ceará, Pernambuco, etc., eram trabalhadores braçais, de escassa qualificação; aqui houve apenas uma exceção: a de um entrevistado que trabalhava por conta própria no setor de comércio.

O empenho em construir grupos tão diferenciados quanto possível no que diz respeito ao ambiente socioprofissional de proveniência diminuiu bastante a subamostra dos *Mod.* e *Trad.*, reduzindo a utilidade do uso de correlações estatísticas. Deste prisma, os dados apresentados em porcentagem devem ser tomados mais como indicações. Porém, o procedimento adotado ofereceu a vantagem de poder pôr em relevo, de modo mais acentuado, o contraste entre os operários recém-chegados do mundo rural (*Trad.*) e aqueles de origem urbana (*Mod.*). O leitor notará, nas diversas tabelas, como as diferenças nas orientações e atitudes de ambos os grupos configuram-se de modo mais ou menos nítido e coerente para a interpretação. Naturalmente, teria sido preferível poder lidar com amostras maiores, possibilitando amplamente a utilização dos recursos estatísticos. No entanto, as reduzidas dimensões da sub amostra, resultado da opção por um trabalho com grupos internamente homogêneos e diferenciados entre si, permitiu o exame minucioso de cada questionário individual. Procurou-se, pois, compensar qualitativamente o que se perdia quantitativamente.

No capítulo III, referente ao trabalhador e o sindicato, apresentamos os resultados das tabulações distinguindo as respostas dos operários sindicalizados e não sindicalizados. Todavia, em quase todo o transcorrer da análise omitimos as tabelas relativas a estes dois grupos. A comparação das respostas mostrou que o atributo “sindicalização”, na imensa maioria das vezes, nenhuma influência exercia nas atitudes dos entrevistados. Nestas condições, para não sobrecarregar ainda mais o leitor com novos algarismos, preferimos omitir, nas tabelas, os resultados relativos aos sindicalizados e não sindicalizados.

Uma última observação deve ser feita: o presente estudo pretendia abranger a análise da organização sindical à qual se filiam os trabalhadores da Empresa Automobilística. Os eventos político-militares de março de 1964, infelizmente, prejudicaram esta parte da pesquisa. A diretoria do sindicato, em exercício quando da aplicação do questionário, foi afastada pelas autoridades do Ministério do Trabalho e o sindicato foi colocado sob intervenção. Nestas condições, optamos por abandonar parte do projeto inicial, restringindo-nos apenas aos trabalhadores da Empresa Automobilística, cujos dados já tinham sido coletados, e deixando de lado a parte referente ao sindicato.